

Rafaella Rodrigues Holanda Gadelha

Natal Lânia Roque Fernandes

EDUCAÇÃO DE SURDOS NA EDUCAÇÃO PROFISSIONAL

Conceitos, metodologias de ensino e
sugestões pedagógicas



© BRUNA SARAIVA VIA CANVA.COM



INSTITUTO FEDERAL
DE EDUCAÇÃO, CIÊNCIA E TECNOLOGIA
Ceará



Rafaella Rodrigues Holanda Gadelha

Natal Lânia Roque Fernandes

EDUCAÇÃO DE SURDOS NA EDUCAÇÃO PROFISSIONAL

Conceitos, metodologias de
ensino e sugestões pedagógicas

Fortaleza
2023

EXPEDIENTE TÉCNICO

Instituto Federal do Ceará – IFCE

Campus Fortaleza

Programa de Pós-Graduação em Educação Profissional e Tecnológica

Autoria: Rafaella Rodrigues Holanda Gadelha

Orientação: Profa. Dra. Natal Lânia Roque Fernandes

Interpretação em Libras: Marcos de Souza Valentim e Tarciliana Oliveira da Silva

Edição do texto: Maria Helena da Conceição Santos

Projeto gráfico e diagramação: Maria Helena da Conceição Santos

Revisão do texto: Nílvia Rodrigues de Moura

Dados Internacionais de Catalogação na Publicação

Instituto Federal do Ceará - IFCE

Sistema de Bibliotecas - SIBI

Ficha catalográfica elaborada pelo SIBI/IFCE, com os dados fornecidos pelo(a) autor(a)

G124e

Gadelha, Rafaella Rodrigues Holanda

Educação de Surdos na Educação Profissional / Rafaella Rodrigues Holanda Gadelha. - 2023.

49 f. : il. color.

Dissertação (Mestrado) - Instituto Federal do Ceará, Mestrado Profissional em Rede Nacional de Educação Profissional e Tecnológica, Campus Fortaleza, 2023.

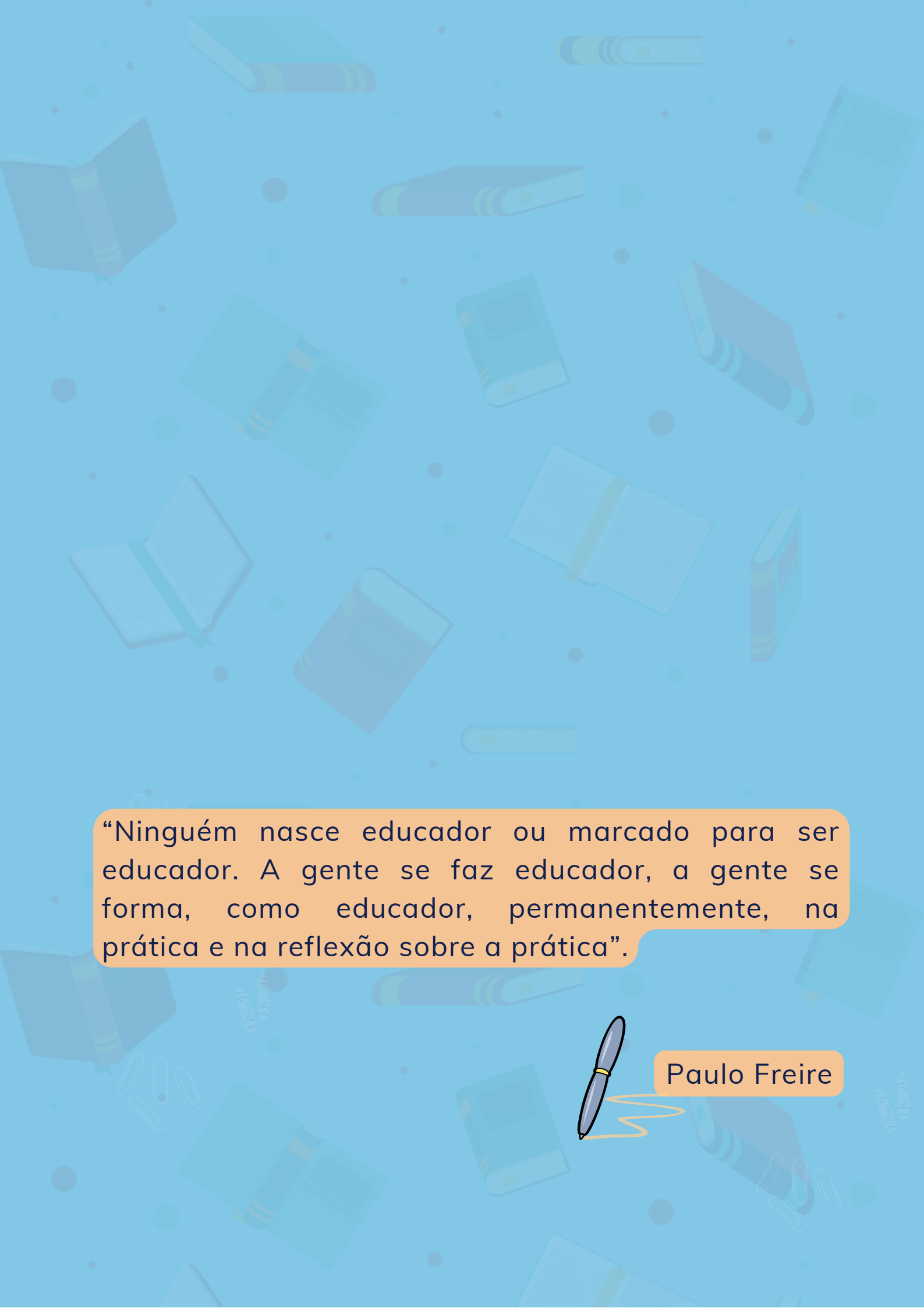
Orientação: Prof. Dr. Natal Lânia Roque Fernandes.

1. Docente. 2. Prática Pedagógica. 3. Ensino de Surdos. 4. Interculturalidade. 5.

Educação Profissional. I. Título.

CDD 378.013

Fortaleza
2023

The background is a light blue gradient with a pattern of stylized books in various shades of blue and teal, some open and some closed, scattered across the surface. Small dark blue dots are also scattered throughout.

“Ninguém nasce educador ou marcado para ser educador. A gente se faz educador, a gente se forma, como educador, permanentemente, na prática e na reflexão sobre a prática”.

A stylized illustration of a pen, tilted diagonally, with a yellow squiggly line trailing from its tip.

Paulo Freire

APRESENTAÇÃO

Neste e-book apresentamos noções básicas de conceitos, metodologias de ensino, sugestões pedagógicas relacionadas à educação de surdos, considerando leis, decretos e publicações científicas sobre o assunto. Apresentamos também um minidicionário contendo traduções de palavras do Português para Libras que poderão possibilitar uma comunicação básica, não apenas entre os discentes e docentes da Educação Profissional, como também para demais professores que ensinam a pessoas surdas.

Trata-se de um produto educacional o qual resultou da pesquisa de mestrado em Rede do Programa de Pós-Graduação em Educação Profissional e Tecnológica (PROFEPT) com título A PRÁTICA DOCENTE NA EDUCAÇÃO INCLUSIVA DE SURDOS: UM OLHAR SOBRE A ESCOLA PROFISSIONAL EEEP GM.

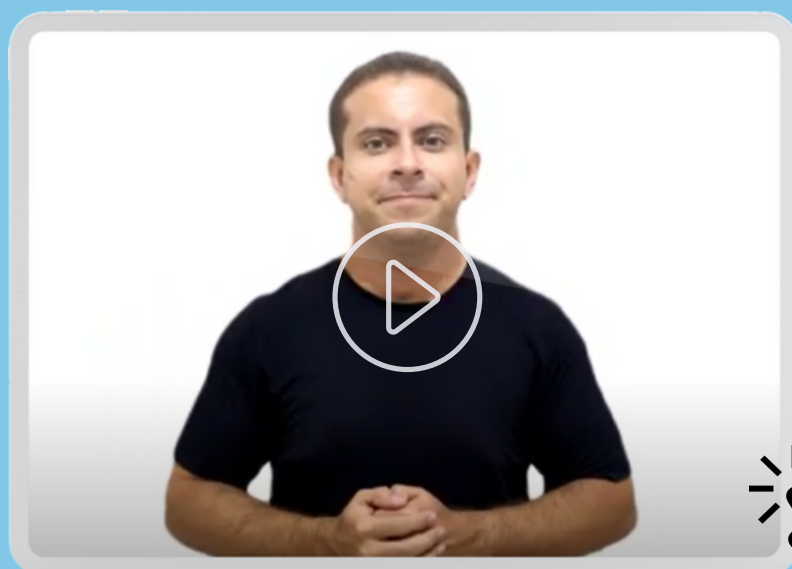
Este produto é oriundo ainda de uma experiência profissional vivenciada em uma escola polo de surdos de Ensino Fundamental localizada no Município de Maracanaú/Ceará, a qual concentra muitos destes educandos da rede pública. Fruto de uma inquietação profissional, a pesquisa foi motivada pela curiosidade em compreender como ocorre a inclusão dos alunos surdos na Educação Profissional .

Para fins de produção deste e-book, contamos com a contribuição dos docentes da escola EEEPGM igualmente localizada em Maracanaú. Após a coleta de dados, através de entrevistas e observações de aulas, identificamos possíveis assuntos relacionados à Educação de Surdos a serem compartilhados neste material.

Desenvolvemos esta proposta com o objetivo de possibilitar um aprendizado inicial acerca de assuntos relacionadas à educação de surdos, sobretudo, para os docentes das escolas profissionais que se preocupam em adquirir conhecimentos importantes para atuação profissional e com a formação integral dos educandos.

Pensamos neste formato de produto por compreendermos que seria de fácil acesso e propagação do conteúdo. Trouxemos uma linguagem clara e objetiva com imagens leves que possibilitassem despertar o interesse do leitor em lê-lo e compartilhá-lo. Aqui vocês encontrarão alguns links nos quais poderão aprofundar os conhecimentos, caso assim desejarem.

Desejamos uma leitura prazerosa e socialmente útil para todos que chegaram até aqui. Sintam-se à vontade para ler, reler e divulgar.
Boa leitura!





SUMÁRIO

1. CONCEITOS BÁSICOS: EDUCAÇÃO INCLUSIVA, DEFICIÊNCIA E SURDEZ.....	9
2. LÍNGUA BRASILEIRA DE SINAIS.....	15
3. ATENDIMENTO EDUCACIONAL ESPECIALIZADO.....	17
4. PERSPECTIVA INTERCULTURAL HUMANIZADORA NO ENSINO DE PESSOAS SURDAS.....	20
5. A PRÁTICA INCLUSIVA E A EDUCAÇÃO PROFISSIONAL.....	23
6 METODOLOGIAS E PRINCÍPIOS NORTEADORES PARA O ENSINO DE SURDOS.....	25
6.1 PEDAGOGIA SURDA.....	28
7. SUGESTÕES PEDAGÓGICAS PARA O ENSINO DE SURDOS.....	33
8. MINIDICIONÁRIO EM LIBRAS.....	39
REFERÊNCIAS.....	47

1 CONCEITOS BÁSICOS: EDUCAÇÃO INCLUSIVA, DEFICIÊNCIA E SURDEZ

EDUCAÇÃO INCLUSIVA

A Declaração de Salamanca (1994) foi um marco para Educação Especial, pois reforçou a importância de educação de qualidade para todos ao propor a inclusão de educandos com necessidades educacionais especiais em classes regulares como forma de democratização das oportunidades.



Destacamos alguns pontos proclamados na Declaração de Salamanca:

- toda criança tem direito fundamental à educação, e deve ser dada a oportunidade de atingir e manter o nível adequado de aprendizagem [...]
- aqueles com necessidades educacionais especiais devem ter acesso à escola regular,

que deveria acomodá-los dentro de uma Pedagogia centrada na criança, capaz de satisfazer a tais necessidades,

- escolas regulares que possuam tal orientação inclusiva constituem os meios mais eficazes de combater atitudes discriminatórias criando-se comunidades acolhedoras, construindo uma sociedade inclusiva e alcançando educação para todos; além disso, tais escolas proveem uma educação efetiva à maioria das crianças e aprimoram a eficiência e, em última instância, o custo da eficácia de todo o sistema educacional.

DEFICIÊNCIA



De acordo com a Lei Federal nº 13.146/2015, a qual regulamenta internamente as disposições da Convenção da ONU:

Art. 2º Considera-se pessoa com deficiência aquela que tem impedimento de longo prazo de natureza física, mental, intelectual ou sensorial, o qual, em interação com uma ou mais barreiras, pode obstruir sua participação plena e efetiva na sociedade em igualdade de condições com as demais pessoas.



Atualmente as limitações físicas, mentais, intelectuais e sensoriais são tidas como inerentes à diversidade humana, de maneira que a deficiência resulta da interação destas limitações com os entraves sociais, com a consequente dificuldade de inserção social do indivíduo. Outrora, as deficiências eram analisadas sob os critérios estritamente médicos e o indivíduo era enquadrado como pessoa com deficiência, vista como característica intrínseca.

FIQUE LIGADO!

O termo correto é portador de deficiência ou deficiente?

Ambos os vocábulos são considerados obsoletos e inapropriados, pois “portador” faz referência a algo transitório que se “carrega” e “descarrega”, quando na verdade a deficiência, na maioria das circunstâncias, é uma situação permanente.

Já o termo “deficiente” evidencia apenas uma das características do ser humano. A terminologia mais indicada é “pessoa com deficiência” por se apresentar como uma nomenclatura mais humanizada, na qual a pessoa vem antes da deficiência, valorizando-a independentemente de suas condições físicas, sensoriais ou intelectuais.

SURDEZ

Surdez é o termo utilizado diante da impossibilidade ou dificuldade de ouvir. De acordo com o Decreto 5626, de 22 de dezembro de 2005:



Art. 2º Para os fins deste Decreto, considera-se pessoa surda aquela que, por ter perda auditiva, compreende e interage com o mundo por meio de experiências visuais, manifestando sua cultura principalmente pelo uso da Língua Brasileira de Sinais - Libras.

A pessoa surda não se reconhece como deficiente, mas se identifica como ser integrante de um grupo com características e culturas próprias que a distingue das demais.

Ao nos referirmos à comunidade surda, abrangemos indivíduos diversos, quer sejam surdos ou não, mas que possuem como ponto de convergência a comunicação através da Língua de Sinais e/ou as experiências visuais, com histórias e vivências em comum. A cultura surda é, portanto, uma dentre tantas culturas existentes em nosso país.

FIQUE LIGADO!

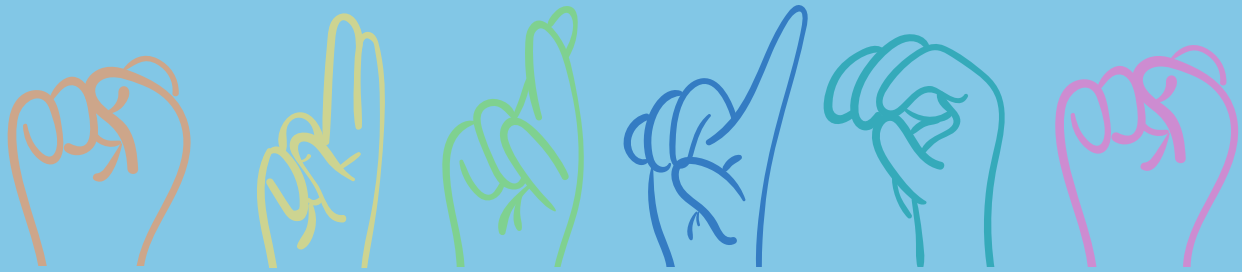
Deficiente ou Surdos?

Há duas formas de se compreender a surdez: uma cultural e outra social. Qual a representação defendida pela comunidade surda?

REPRESENTAÇÃO CULTURAL DO POVO SURDO	REPRESENTAÇÃO SOCIAL DO POVO SURDO
Pessoa surda	Deficiente
A surdez é considerada uma experiência visual	A surdez é considerada uma deficiência na audição
A educação de surdos preza pelo respeito às diferenças linguísticas e culturais	A educação de surdos segue uma linha de reabilitação e tem um caráter clínico-patológico

As identidades surdas são muitas e multifacetadas.	Os surdos são classificados de acordo com os graus de deficiência da audição: leves, moderados, severos e profundos.
A língua de sinais é uma das representações da comunidade surda que manifesta as suas diferenças linguísticas.	A língua de sinais não é benéfica aos surdos.

Analizando o quadro acima, observamos que a representação social reflete a visão estigmatizada construída ao longo de anos sobre o surdo, na qual a comunidade e tudo que a ela pertence é compreendida como inferior aos ouvintes. Já na representação cultural o surdo é visto como alguém detentor de cultura própria. A representação cultural é, portanto, defendida pela comunidade surda.



2 LÍNGUA BRASILEIRA DE SINAIS

No Brasil a Língua de Sinais é nomeada Língua Brasileira de Sinais (LIBRAS) e tem ganhado bastante visibilidade por ser uma das línguas oficiais do país. Essa notoriedade da Libras se deve ainda ao fortalecimento da comunidade surda que tem se organizado nos últimos anos em busca de seus direitos.

A partir da Lei 10.436/2002, a Libras foi reconhecida como meio de comunicação e expressão da pessoa surda, em que o sistema linguístico possui natureza visual-motora, com estrutura gramatical própria, constitui um sistema linguístico de transmissão de ideias e fatos, oriundos de comunidade de pessoas surdas do Brasil. ✨👉

No caso do Brasil, o processo de ensino e aprendizagem das crianças surdas deve ocorrer através da primeira Língua (L1) dos surdos que é a Libras e da segunda Língua (L2) que é a Língua Portuguesa.



A leitura e a escrita da L2 é uma forma de socialização e integração dos surdos à sociedade e será ensinada aos surdos através da Libras.

FIQUE LIGADO!

Linguagem ou Língua?

A Libras, assim como o Português, o Espanhol e tantos outros idiomas, é uma língua constituída por mecanismos fonológicos, semânticos, sintáticos e morfológicos, possuindo como principal característica seu caráter visual-espacial.

O ato de se comunicar através da Libras é fazer uso da linguagem, pois a linguagem se refere à capacidade que o homem tem de produzir e desenvolver informações de diversas formas. A Libras é, portanto, meio de expressão da linguagem, sendo assim uma língua.



2 ATENDIMENTO EDUCACIONAL ESPECIALIZADO

O QUE É?

O Atendimento Educacional Especializado (AEE), de acordo com as Diretrizes Operacionais da Educação Especial para o Atendimento Educacional Especializado na Educação Básica, é um atendimento que complementa e/ou suplementa a formação dos alunos público alvo da Educação Especial com o intuito de desenvolver a independência e a autonomia dos educandos na escola e fora dela.

A função do AEE é constatar, desenvolver e organizar recursos pedagógicos e de acessibilidade que eliminem os obstáculos para a efetiva participação dos educandos, levando em contas suas especificidades.

FIQUE LIGADO!

O AEE é realizado, preferencialmente, na Sala de Recursos Multifuncionais da escola na qual o aluno está matriculado, mas pode ocorrer também em outra instituição de ensino, no contraturno da escolarização.

QUAL O PÚBLICO-ALVO DO AEE?

- Alunos com deficiência;
- Alunos com transtornos globais do desenvolvimento;
- Alunos com altas habilidades/superdotação.

QUAL A FORMAÇÃO DO PROFESSOR DE AEE?



De acordo com a LDB de 1996, aos profissionais do AEE se exige especialização para os atendimentos e aos docentes de sala regular se requer a capacitação.

As Diretrizes Operacionais da Educação Especial definem as atribuições do professor do AEE. Dentre elas, citamos



- a. Identificar, elaborar, produzir e organizar serviços, recursos pedagógicos, de acessibilidade e estratégias considerando as necessidades específicas dos alunos público-alvo da educação especial;
 - b. Elaborar e executar plano de atendimento educacional especializado, avaliando a funcionalidade e a aplicabilidade dos recursos pedagógicos e de acessibilidade; [...]
 - f. Orientar professores e famílias sobre os recursos pedagógicos e de acessibilidade utilizados pelo aluno;
 - g. Ensinar e usar recursos de Tecnologia Assistiva, tais como: as tecnologias da informação e comunicação, a comunicação alternativa e aumentativa, a informática acessível, o soroban, os recursos ópticos e não ópticos, os softwares específicos, os códigos e linguagens, as atividades de orientação e mobilidade entre outros; de forma a ampliar habilidades funcionais dos alunos, promovendo autonomia, atividade e participação [...]
- (MEC, 2009, p. 4).

4 PERSPECTIVA INTERCULTURAL HUMANIZADORA NO ENSINO DE PESSOAS SURDAS

Iniciaremos uma breve reflexão¹ sobre a prática pedagógica humanizadora, baseada no pensamento freiriano, e sobre a prática intercultural. O apontamento de ideias de Freire assenta-se no fato de a análise acerca da educação intercultural perpassar a compreensão de práticas pedagógicas humanizadoras voltadas aos segmentos sociais oprimidos, protagonizadas pelo educador.

A prática pedagógica humanizadora tem como fundamento o diálogo, entendido por Freire como o meio de transformação e humanização de todos” (FREIRE, 1980b, p. 43). O diálogo possibilita as práticas participativas que ensejam autonomia, responsabilidade e respeito ao exercício da fala-escuta atenta.

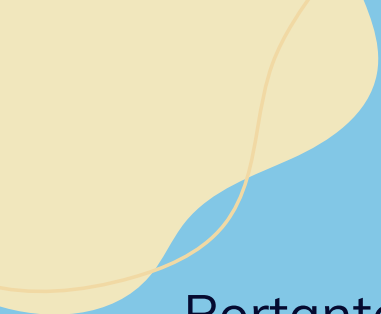
1 A discussão completa se encontra na dissertação que deu origem a este produto educacional.



Oliveira (2011) observa que Freire está em sintonia com a interculturalidade, o que pode ser verificado a partir da relevância dada nas obras freireanas ao respeito à diversidade cultural, à ética-política das relações entre as culturas e aos processos democráticos e dialógicos.

A perspectiva intercultural humanizadora no Ensino de Surdos se pauta na interação entre os sujeitos e no processo contínuo de viabilização das relações democráticas. As construções interculturais, desta forma, ocorrem a partir da convivência de diferentes culturas em um mesmo espaço.

Na Educação de surdos é importante que se reconheça as diferenças e se estabeleça o respeito ao outro e à sua identidade cultural, sem perder de vista que não existem culturas mais desenvolvidas que as demais, contudo, distintas. As atitudes de valorização e de respeito às diferenças culturais podem ser fomentadas através do diálogo.



Portanto, as ideias freirianas se relacionam especificamente com a educação intercultural de surdos por alicerçarem uma concepção de educação como uma prática política e dialógica entre os diferentes grupos sociais e culturais. A humanização e a visibilização dos sujeitos promovem uma educação para a valorização de todos, como plurais que devem ser respeitados, independente de raça, gênero, classe social e cultura.

5 A PRÁTICA INCLUSIVA E A EDUCAÇÃO PROFISSIONAL

O avanço no conhecimento por parte do aluno com deficiência se deve bastante ao docente que cria possibilidades inovadoras para ensinar o conteúdo. Deste modo, a capacitação pedagógica por parte do professor é importante para a superação dos desafios. Ao docente compete a preparação de ambientes favoráveis para que as diferenças não se tornem entraves ao processo educacional.

Conforme afirma Neri (2003, p. 111), incluir não é apenas colocar alunos em uma sala de aula, pois é fundamental que o docente tenha habilidades e vontade para lidar com as diferenças, de forma que valorize as peculiaridades dos alunos e os incentive a apresentar suas potencialidades.

O professor contribuirá com o desenvolvimento do educando ao apresentar propostas e atividades diferenciadas, tomando como critério a deficiência e o grau apresentado, proporcionando assim vivência de experiências multidisciplinares

nas quais o aluno possa raciocinar criticamente sobre os assuntos abordados, apresentar soluções aos problemas e, sobretudo, perceber que pode ser agente ativo no processo educacional.

O docente da educação profissional inclusiva também necessita estar bastante preparado para lidar com os desafios de um trabalho diferenciado e criativo. À escola Profissional inclusiva cabe a responsabilidade de oportunizar momentos para aprofundamentos pedagógicos, troca de experiências e qualificação, aperfeiçoamento e até mesmo formação docente.

As novas formas de ensinar e aprender precisam ser entendidas pelo professor que leciona para aluno com deficiências, dentre elas o reconhecimento dos conhecimentos prévios e as peculiaridades de cada um destes estudantes. Em uma escola Profissional inclusiva é importante o olhar atento do professor à multiplicidade de conhecimentos já adquiridos por seus alunos de forma independente ou advindos das relações com o meio e com os outros. Desta forma, o processo educacional flui nesta relação de troca de experiências e conhecimentos entre professor e aluno.

6 METODOLOGIAS E PRINCÍPIOS NORTEADORES PARA O ENSINO DE SURDOS

As metodologias expressam, de certo modo, a visão estigmatizada que se tinha do surdo ao longo dos anos, assim como os seus processos de conquista. Observamos que determinadas filosofias educacionais ganharam maior notoriedade na educação dos surdos: “[...] apesar das diferentes opiniões que dividem e subdividem as metodologias específicas ao ensino de surdos, em termos de pressupostos básicos, existem três grandes correntes filosóficas: a do Oralismo, da Comunicação Total e do Bilinguismo” (DORZIAT, 1999, p. 13). Há ainda a Pedagogia Surda que é considerada uma das principais metodologias na educação de surdos.



ORALISMO

O oralismo consiste na metodologia de tentativa de desenvolvimento da fala do surdo. O objetivo do Oralismo é, portanto, oralizar os surdos uma vez que, para os seus defensores, a língua falada era tida como necessária para os processos de comunicação e desenvolvimento cognitivo das crianças surdas.

COMUNICAÇÃO TOTAL

A Comunicação Total consiste na utilização de toda forma de comunicação pelos surdos, pois permitia o uso da língua de sinais, alfabeto manual, leitura labial, resíduo auditivo, mímicas, gestos, entre outras ferramentas que contribuíssem para o desenvolvimento da língua oral (SCHELP, 2008). O principal objetivo era, portanto, possibilitar a comunicação entre as pessoas surdas de modo a integrá-las à sociedade ouvinte.



BILINGUISMO

O Bilinguismo defende o uso de duas línguas distintas no contexto escolar, em momentos diferentes, sem que uma interfira na aquisição da outra. As línguas seriam a Língua Portuguesa (escrita) e a Língua Brasileira de Sinais - Libras. Na atualidade existem algumas escolas brasileiras adotando a metodologia Bilíngue.

6.1 PEDAGOGIA SURDA

A filosofia da Pedagogia Surda é a mais desejada pela comunidade, pois atende às especificidades dos surdos, de forma a considerar a sua verdadeira identidade e a consagração de seus aspectos culturais que ocorre no encontro com os seus pares. A Pedagogia Surda aparece, enfim, para propor um novo e diferente caminho e tem como principal objetivo a construção da subjetividade cultural do surdo.

Dentre as metodologias de educação de surdos, iremos nos deter na Pedagogia Surda, pois atualmente é a que tem maior significação para sua comunidade. Ela focaliza o surdo a partir de suas diferenças identitárias, linguísticas, artísticas e histórico-culturais. A Pedagogia Surda apresenta dois métodos de ensino: método da diferença e método intercultural.



MÉTODO DA DIFERENÇA

No método da diferença as estratégias pedagógicas levam em consideração a identidade e a diferença, de modo a favorecer a subjetivação.

É o método atualmente utilizado nas salas de aula, com a presença de docentes surdos e ouvintes comprometidos com o projeto da pedagogia da diferença.

A abordagem da diferença, além de estratégias de ensino voltadas aos surdos, possui princípios norteadores que a fazem aplicável. Vejamos:

1. usa a língua de sinais como meio de ensino ao surdo;
2. atende aos processos de subjetivação e de construção das identidades surdas;
3. possibilita a presença insubstituível do professor surdo como presença da diferença cultural e como possibilidade de identificação;
4. usa e ensina a língua portuguesa como segunda língua e diferenciada da língua de sinais;
5. propõe aos alunos atividades diferenciadas no sentido de interpretar os conhecimentos a seu modo;
6. propõe interação constante com ouvintes, salvaguardando a diferença;
7. redige o currículo, em vista da identidade e da diferença cultural (PERLIN, 2005, p. 31).

Algumas estratégias de ensino aos surdos também são sugeridas na metodologia da diferença, de acordo com a professora Gladis (2005):

- Uso da língua de sinais;
- Leituras diárias do cotidiano;
- Contação de histórias e estórias;
- Esportes e atividades coletivas;
- Ambiente escolar para a diferença;
- Participação da família.



MÉTODO INTERCULTURAL

O método intercultural acolhe o surdo na sua cultura e incentiva a mediação com outras culturas, propondo o respeito às diferentes identidades e aceitando-as. Neste método, segundo Gladis (2005), o professor media e legitima as práticas educativas.

A docente Gladis (2005, p.40) nos apresenta alguns aspectos do método intercultural:

- situa o estudante surdo como trabalhador cultural;
- celebra o fato de ser surdo e o sucesso das pessoas surdas;
- celebra a língua de sinais;
- cria formas de acessar a mediação intercultural;
- cria prática de sala de aula que favoreça aos estudantes trabalhar com sua diferença [...]
- desvia da presença do ouvicentrismo;
- distancia criticamente daqueles que rotulam os surdos como menos valia, excluídos, inválidos;
- fala de questões que preocupam
- possibilita posições políticas entre e para as diferenças;

- denuncia sobre o passado nos campos de regulação;
- celebra a nova escola de surdos e os professores surdos;
- não busca uma aproximação com as diferentes culturas, simplesmente escuta-as de modo a perceber os termos essenciais de afirmação da diferença;
- sugere a solidariedade construída com o fim de possibilitar uma performance de reinscrição;
- propõe a cultura não como lugar de transgressão ou de subversão, mas de afirmação do sujeito;
- deixa clara a exceção de quem é e produz para quem e não tem presunção de falar por ninguém.

O método intercultural é reconhecido como o novo paradigma na metodologia de ensino para surdos e se apresenta como decisivo, pois representa uma resposta para produção cultural dos surdos.

7 SUGESTÕES PEDAGÓGICAS PARA O ENSINO DE SURDOS

Seguem abaixo algumas metodologias de Ensino voltadas à Educação de Surdos, adaptadas das sugestões feitas por Lima Júnior² (2013).

CONHEÇA O ALUNO SURDO

Observe seu aluno e perceba quais tipos de atividades ele demonstra maior envolvimento. Informe-se e se interesse em conhecer o aluno, suas dificuldades e potencialidades.

FIQUE LIGADO!

Surdo-mudo ou Surdo?

O termo surdo-mudo é considerado depreciativo e inapropriado: há surdos que desenvolvem a fala e são oralizados.

2 LIMA JÚNIOR, V.B. Metodologia voltada para a educação de surdos. Disponível em <https://pt.slideshare.net/valdemarjunior30/metodologia-voltada-para-a-educacao-de-surdos-na-sala-de-aula-27549931>. Acesso em 02/01/2023.

O termo é, portanto, rejeitado pelos surdos e associações, pois remonta à uma época antiga na qual o surdo era condenado a “mudez” e estigmatizado. O termo correto é apenas surdo.



DIALOGUE DIRETAMENTE COM O ESTUDANTE

O diálogo estabelecido diretamente entre o docente e discente humaniza a relação. Caso o professor não tenha o domínio de Libras, o direcionamento do olhar e dos movimentos corporais sinalizam o interesse em conversar com o aluno sem intermediação.

POSICIONE-SE DE FRENTE PARA O ALUNO

É importante que o professor fale de frente e articule bem as palavras para que o aluno visualize seus lábios e feições, possibilitando assim a leitura orofacial.



PREFIRA UTILIZAR MÁSCARAS DE PROTEÇÃO FACIAL TRANSPARENTES

Em caso de recomendação para o uso de máscara, dê preferência às máscaras transparentes que possibilitam a visualização orofacial por parte do aluno surdo.

POSSIBILITE QUE O ALUNO SURDO SE SENTE NAS PRIMEIRAS CARTEIRAS

O aluno surdo deve ficar o mais próximo do quadro e dos professores para facilitar a visualização e leitura de imagens e textos.



EVITE FALAR ENQUANTO ESCREVE NA LOUSA /QUADRO

No momento em que se escreve na lousa o professor estará de costas e desta forma o aluno não conseguirá compreender a fala tampouco fazer a leitura orofacial.

ATENÇÃO AO APAGAR AS LUZES DO AMBIENTE

Não se recomenda apagar as luzes durante a apresentação de slides, pois esta ação compromete a leitura orofacial e dificulta a visualização da interpretação executada pelo intérprete.

ESPERE O ALUNO TERMINAR DE COPIAR ANTES DE INICIAR AS EXPLICAÇÕES ORAIS

É importante que o aluno surdo se concentre na interpretação da aula, pois ele não conseguirá copiar e olhar para intérprete de forma simultânea.

MANTENHA SUA VOZ EM TOM E RITMO NATURAL



Fale normalmente com o aluno surdo, pois falar quase gritando ou muito lentamente não o fará escutar.

UTILIZE RECURSOS VISUAIS COMO FOTOS, FIGURAS, DESENHOS, MAPAS, QUADROS, SLIDES E OUTROS

O surdo apreende o mundo por meio da visão, por isso é importante a utilização de recursos visuais e materiais concretos, de maneira que não se utilize tão somente a fala.



CUIDADO COM EXCESSO DE ESTÍMULOS VISUAIS

A famosa “pedagogia visual” nem sempre é benéfica porque às vezes os recursos visuais utilizados não são óbvios para o aluno. É fundamental que haja um critério na escolha de vídeos, imagens, fotos e demais recursos visuais diversos.



**PREFIRA VÍDEOS COM
INTERPRETAÇÕES/TRADUÇÕES E/OU
LEGENDAS**

Os vídeos que possuem interpretações em Libras proporcionam uma maior possibilidade de acessibilidade ao aluno surdo. Lembre-se de que as legendas em português nem sempre significarão acessibilidade, pois às vezes os alunos surdos não dominam esta segunda língua tendo em vista a Libras ser sua língua materna.

**DIALOGUE TAMBÉM COM O
INTÉRPRETE/TRADUTOR DE LIBRAS**

O profissional intérprete-tradutor pode ser canal também de bons feedbacks relacionados às aulas ministradas, assim como pode apresentar sugestões didático- pedagógicas.

COMPARTILHE SEUS PLANEJAMENTOS DE AULAS COM OS INTÉRPRETES-TRADUTORES



Assim como o docente precisa se preparar para lecionar determinados conteúdos, o intérprete-tradutor também necessita. Não raro acontece de haver sinalizações específicas de Libras que o profissional precise pesquisar.

PROCURE APOIO DOS PROFISSIONAIS DO AEE

Os profissionais do AEE possuem especialização para o atendimento e, normalmente, experiência na área da educação especial o que pode auxiliar os demais docentes. No caso de não haver AEE na escola, busque os profissionais da escola mais próxima.



BUSQUE ATUALIZAR SEUS CONHECIMENTOS SOBRE EDUCAÇÃO DE SURDOS

É relevante a atualização dos conhecimentos também sobre as temáticas relacionadas à inclusão de pessoas surdas. O conhecimento básico em Libras possibilita uma maior interação docente-discente.

MINIDICIONÁRIO EM LIBRAS

Apresentamos a seguir um minidicionário em Libras contendo palavras e expressões que podem possibilitar uma comunicação básica entre discentes surdos e docentes, sobretudo, na Educação Profissional. A seleção de parte dos vocábulos do minidicionário foi feita a partir de sugestões apresentadas durante a realização das entrevistas com os professores da Escola EEEPGM quando da realização da pesquisa de mestrado com título A PRÁTICA DOCENTE NA EDUCAÇÃO INCLUSIVA DE SURDOS: UM OLHAR SOBRE A ESCOLA PROFISSIONAL EEEPGM.

São apresentados, desta forma, vídeos com as seguintes sinalizações em Libras: alfabeto; números; alguns cumprimentos iniciais; principais verbos, adjetivos e palavras chaves voltadas à educação e à educação profissional e, por fim, vocábulos específicos dos cursos técnicos ofertados na escola investigada: rede de computadores, administração e contabilidade.

Clique em cima do vocábulo ou vídeo escolhido e confira!



FIQUE LIGADO!

Os significados dos sinais não são óbvios!

Há alguns sinais que são icônicos, ou seja, o sinal faz alusão à imagem do que representa, e existem outros que são arbitrários, ou seja, não possuem qualquer semelhança com o que representam.

Exemplos de sinais icônicos:



Árvore

Exemplos de sinais arbitrários:



Biscoito



Desculpe

MINIDICIONÁRIO EM LIBRAS



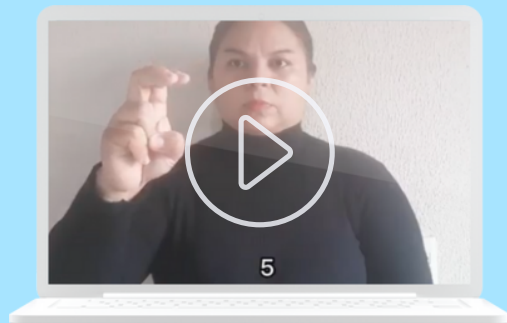
Alfabeto

1



Números

2



Cumprimentos

3

Oi

Bom dia

Boa tarde

Boa noite

Qual seu nome?

Qual seu sinal?

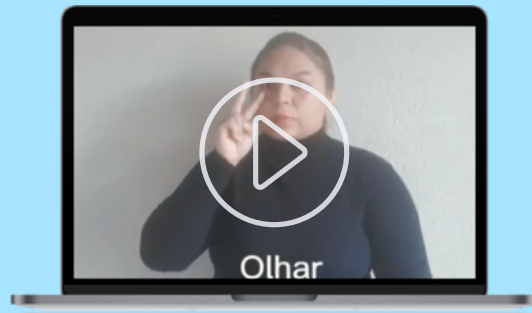




Verbos

4

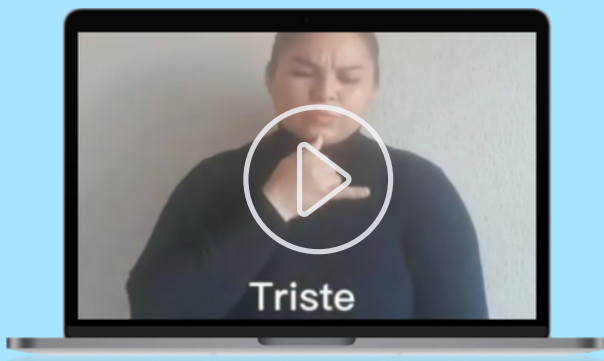
Estudar
Ler
Olhar
Entender
Comer
Beber
Brincar
Conversar
Gostar
Comprar
Trabalhar



Adjetivos

5

Feliz
Triste
Bonito
Feio
Bom
Ruim





Educação

6

Aluno

Professor

Intérprete

Coordenador

Diretor

Supervisor

Sala de aula

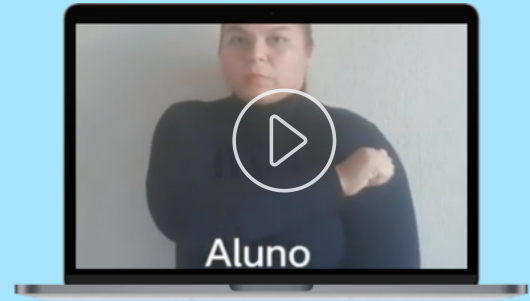
Sala de informática

Sala de leitura

Refeitório

Biblioteca

Banheiro



Educação Profissional

7

Estágio

Salário ou remuneração

Empresa

Chefe

Capacitação profissional

Carga horária

Currículo

Curso integrado

Curso técnico

Qualificação profissional

Tecnologia

Treinamento

Universidade

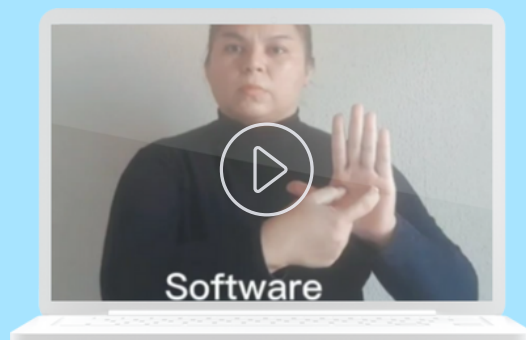




Rede de Computadores

8

Download
Backup
Software
Hardware
Excel
Word
Coreal Draw
Aplicativos
Arquivar

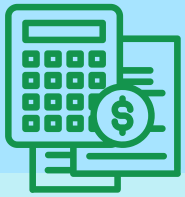


Administração

9

Gestão Empresarial
Gestão financeira
Administração de vendas
Logísticas
Custos e processos
Produção e economia
Recursos humanos
Marketing

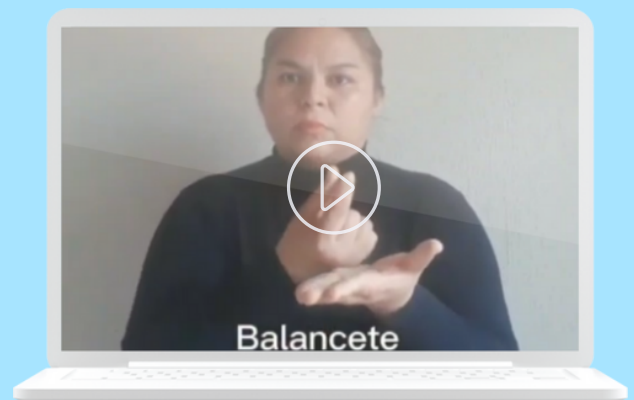




Contabilidade

10

- Balanço patrimonial
- Balancete
- Bens e direito
- Demonstração de resultado e fluxo de caixa
- Livro diário
- Ativo e passivo
- Obrigações
- Capital social
- Lucros
- Lucro real
- Prejuízo acumulado





IMPORTANTE

Cada país tem uma língua de sinais própria?

Sim! É bastante comum se pensar que existe uma língua de sinais universal ou que todas as línguas de sinais são iguais. Porém, cada país possui sua própria de língua de sinais, assim como cada nação possui seu idioma.

REFERÊNCIAS

BRASIL. Ministério da Educação, Secretaria de Educação. Decreto nº 5.626, de 22 de dezembro de 2005. Diário Oficial [da República Federativa do Brasil], Brasília, DF, 23 dez. 2005, P. 28. http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/_ato2004-2006/2005/decreto/d5626.htm, acesso em 13/07/2022.

_____. Lei nº10.436. Presidência da República, Casa Civil – Brasília, 2002. Disponível em https://www.planalto.gov.br/ccivil_03/leis/2002/l10436.htm, acesso em 28/01/2023.

_____. Lei 9.394/96, de 20 de dezembro de 1996. Estabelece as diretrizes e bases da educação nacional. Diário Oficial da República Federativa do Brasil, Brasília, DF, 31 de dez.1996.

_____. Lei nº. 10.436 de 24 de abril de 2002. Brasília, 2002. Disponível em: http://www.in.gov.br/mp._leis/leis_texto.asp. Acesso em 20/01/2023.

_____, Lei nº 13.146, de 06 de julho de 2015. Institui a Lei Brasileira de Inclusão da Pessoa com Deficiência (Estatuto da Pessoa com Deficiência). Disponível em https://www.planalto.gov.br/ccivil_03/_ato2015-2018/2015/lei/l13146.htm. Acesso em 10/01/2023.

_____. Resolução nº. 4, de 2 de outubro de 2009. Diretrizes Operacionais para o Atendimento Educacional especializado na Educação Básica, modalidade Educação especial, Brasília: MEC, 2009.

DECLARAÇÃO DE SALAMANCA: Sobre princípios, políticas e práticas na área das necessidades educativas especiais. Salamanca – Espanha, 1994.

DORZIAT, Ana. Concepções de Surdez e de Escola: ponto de partida para um pensar pedagógico em uma escola pública para surdos. São Carlos / SP: Trabalho de Tese (Doutorado), UFSCar (mimeo.), 1999.

FREIRE. Extensão ou comunicação? 5e. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1980b.

PERLIN, Gladis T.T. Alternativas metodológicas para o aluno surdo: 2º semestre / [elaboração do conteúdo Gladis T.T. Perlin ; [revisão pedagógica e de estilo profa. Ana Cláudia Pavão Siluk... [et al.]].- 1. ed. - Santa Maria, Universidade Federal de Santa Maria, Pró-Reitoria de Graduação, Centro de Educação, Curso de Graduação a Distância em Educação Especial, 2005.

OLIVEIRA, I. A. Cultura e interculturalidade na educação popular de Paulo Freire. Eccos, São Paulo, n. 25, p. 109-124, jan./jun. 2011.

SALLES, Heloisa Maria Moreira Lima. et al. Ensino de língua portuguesa para surdos: caminhos para a prática pedagógica. Vol 1. Brasília: MEC, SEESP, 2004. p. 139.

SCHELP, Patrícia Paula. Práticas de letramento de alunos surdos em contexto de escola inclusiva. Universidade Regional do Noroeste do Estado do Rio Grande do Sul. Ijuí, 2008.